JORNAL
Centro de Estudos LUIS GUEDES

Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Julho de 2024
Ano 36 • Nº 93

O LUGAR DO TRAUMA

JORNADA
Conexões e Desconexões
Pág 8

SÉRIE
Succession e as gerações
Pág 10

FILME
Anatomia de um Crime
Pág 12

LIVRO
Pastoral Americana
Pág. 14

FOTOGRAFIA:
@FABRICIOSIMOESPHOTO

JORNAL DO CENTRO DE ESTUDOS LUIS GUEDES
Rua Ramiro Barcelos, 2350 – 2º andar - Sala 2218.
CEP: 90035-903. Porto Alegre - RS.
Telefones: 51 3359.8416 / 51 99997.9085.
Site: www.celg.org.br.

DIRETORIA
Presidente: Ana Margareth Siqueira Bassols
Vice Presidente: Victor Mardini
Diretora Administrativa: Simone Hauck
Diretora Financeira: Virginia de Oliveira Rosa
Diretor Científico: Marcelo Schmitz
Diretor de Divulgação: Daniel Prates Baldez
Diretor de Publicações: Félix Henrique Paim Kessler
Diretor de Ensino: Igor Dias de Oliveira Alcântara
Diretor de Tecnologias: Alexandre Annes Henriques
Diretora de Normas e Cultura: Lisieux Elaine de Borba Telles
Diretora de Relações com a Comunidade e Cultura: Vivian Peres Day
Diretora de Assistência Clínica: Betina Kruter

ADMINISTRAÇÃO
Supervisora Administrativa: Patricia Lopes Azambuja (plazambuja@hcpa.edu.br)
Bibliotecária e Secretária da Revista: Maria Luiza Farias de Campos (mcampos@hcpa.edu.br | rbpsicoterapia@gmail.com)
Assistente Administrativa (Cursos): Mylena Abreu Gonçalves (mygoncalves@hcpa.edu.br) .

JORNAL - jornal@celg.org.br
Editores do Jornal: Fernanda Crestana; Marcelo Vaz; Paula Saffer; Caroline Buzzatti
Revisão: Gustavo Czekster
Jornalista Responsável: Vera Nunes (MTb 6198)
Diagramação e projeto gráfico: Design de Maria (www.designdemaria.com.br)
Capa: Fabrício Simões
Imagens da Edição: divulgação e freepik.

SUMÁRIO

Palavra da Presidente 3
Diálogos Urgentes 4
Em Foco 6
Jornada 8
Série 10
Filme 12
Livro 14
Divulgação 16
Opinião 18

Caros amigos e colegas, queridos sócios!

A data do nosso encontro na Jornada do CELG de 2024 estava se aproximando quando fomos atingidos, de forma inesperada, por uma catástrofe sem precedentes, que veio a despertar nossos mais profundos medos e a desafiar nossa capacidade de lidar com a impotência frente ao desconhecido. Passar por uma enchente pode ser um evento traumático que afeta os indivíduos tanto emocional quanto psicologicamente. É importante priorizar a saúde mental durante esses tempos desafiadores e buscar apoio de profissionais de saúde mental, além de ser benéfico conversar com pessoas próximas ou praticar estratégias de autocuidado.

Mas, o que fazer com os planos futuros?

Assim como vimos acontecer nas comunidades e nas cidades afetadas, ficamos inicialmente paralisados com o que estávamos assistindo, mas logo surgiu uma corrente igual ou maior que a correnteza que nos ameaçava.

Pouco a pouco, a corrente da solidariedade cresceu e voltou-se para salvar vidas, assim como visava proteger nossos irmãos da sede, da fome e do desamparo, propiciando abrigo aos atingidos. Foi um momento sentido como se estivéssemos de volta aos tempos primitivos da humanidade frente às forças esmagadoras da natureza. A experiência do desamparo do bebê humano ao nascer é o modelo de inúmeras outras situações da mesma natureza. Estas vão se sucedendo ao longo da vida, lembrando-nos das nossas limitações e quebrando as ilusões narcísicas. É a presença do outro que vai propiciar que o desamparo não se transforme em desespero.

O sentimento de solidariedade presente em todos contagiou também o nosso grupo e nos fortaleceu para dar continuidade aos planos iniciais, mantendo a realização da Jornada CELG 2024 como nosso objetivo principal.

Por outro lado, na medida em que fomos atingidos – em maior ou menor grau – pela situação traumática que nossos conterrâneos estavam enfrentando, decidimos incluir o tema Catástrofe no título da nossa Jornada, pois sentimos a necessidade de discutir e ampliar o conhecimento do tema do Trauma e do Pós-traumático, trazendo convidados nacionais e internacionais com experiência em novos modelos de atendimento nessas situações tão graves em outros locais do mundo.

Outra alternativa foi nos associarmos ao SIMERS/AMRIGS, estimulando o cadastramento voluntário de associados através da plataforma Webmed e do Grupo DOC para atendimento às pessoas atingidas pela enchente. Apoiamos também a Secretaria da Saúde do RS, divulgando seu site para cadastro de profissionais, bem como o site dos médicos voluntários do SIMERS.

Continuaremos recebendo residentes do HCPA para avaliação e atendimento psicoterápico (a baixo custo) por alunos e ex-alunos do CEPOA, através do CAP. Também fizemos parceria com a Artmed para disponibilizar conteúdos de apoio aos profissionais da saúde mental em situações emergenciais.

Enfim, estamos unidos e esperando por dias melhores!

“Sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra! ”

Agradeço aos colegas da Diretoria pelo apoio, confiança e união!

ANA MARGARETH BASSOLS
Presidente do CELG
Gestão 2024-2025
Psiquiatra, Psicanalista (SPPA),
professora do Departamento de
Psiquiatria FAMED/UFRGS

65º ANIVERSÁRIO DO CELG

Em dezembro de 2024, nosso querido Centro de Estudos Luis Guedes completará 65 anos. Neste ano, também estamos comemorando 40 anos do Cepoa: Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica, 20 anos do Curso de Supervisão e 25 anos da Revista Brasileira de Psicoterapia.

Com a missão precípua de educação continuada desde sua fundação em 1959, o CELG congrega e conecta psiquiatras de muitas gerações. No momento, temos 521 associados, que vão desde jovens estudantes de graduação, residentes e ex-residentes até professores *sêniores.*

São 65 anos de muita produtividade: 32 Jornadas, 24 Simpósios, inúmeros Cursos e 25 volumes da Revista Brasileira de Psicoterapia (com 3 exemplares cada), divulgando amplamente o conhecimento na área das Psicoterapias e da Saúde Mental.

Com o desejo de receber melhor nossos sócios e visitantes, a Diretoria decidiu que estava na hora de “arrumar a casa’ para oferecer mais acolhimento e conforto a todos. A reforma da nossa sede começou em fevereiro, exigindo que ficássemos fechados (permanecemos atendendo de maneira online) até a conclusão das obras.

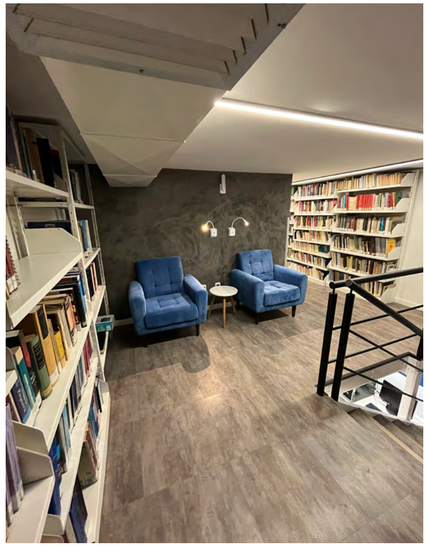
Enquanto isso, vamos mostramos um pouquinho das mudanças nas fotos ao lado.

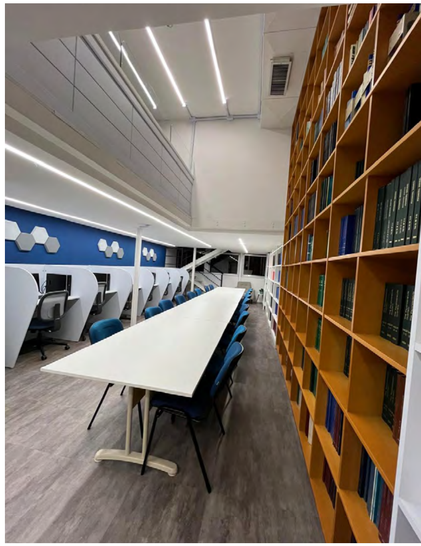
O CELG faz aniversário e nossos sócios são os maiores presenteados! Vocês merecem!

Vida longa ao CELG!

Brindaremos juntos em Gramado, até lá!

Abraços da Ana Margareth Bassols





TRAUMA E **TRANSGERACIONALIDADE**

Samara é filha de sobreviventes do campo de concentração e extermínio de Auschwitz. Depois do término da Segunda Guerra Mundial, seus pais emigraram para Israel, em busca de um lugar onde não sofreriam mais perseguições e violências antissemitas. Fundaram e viveram em um kibutz (fazenda agrícola coletiva) próximo à fronteira com o Líbano. Samara nasceu, cresceu e viveu neste kibutz até a idade adulta, tornando-se educadora de crianças pequenas.

Entretanto, por volta de seus 30 anos, cansada de todos os dias correr para os bunkers antibombas com o intuito de se proteger e proteger as crianças de quem cuidava dos foguetes lançados pelo Hezbollah, resolve emigrar para Boston, EUA, em busca de paz e tranquilidade.

Samara chega à Boston, segue trabalhando como educadora de crianças, mas estranhamente começa a ter crises de pânico matinais, depois de alguns meses vivendo no novo país e ter inclusive alugado um apartamento. Ela jamais sofrera essas crises de pânico. Procura um tratamento psicoterápico para tentar compreender o que estava ocorrendo. Dá-se conta que se encontra vivendo perto de uma estação de trem e que as crises de pânico eram disparadas pelos apitos dos trens. Lembra-se o que sua mãe lhe contara acerca do sofrimento vivido nos trens que deportavam judeus para o campo de concentração e extermínio de Auschwitz.

Estou em Praga, supervisionando a análise de Johan, um jovem paciente alemão, neto de um oficial nazista da Segunda Guerra Mundial. Estava em análise porque sua mãe se suicidara - fato comum em se tratando de filhos de oficiais nazistas - quando ele tinha 7 anos. Ele ficara muito culpado, pois escutara sua mãe descendo as escadas para o porão da casa, onde se enforcou, e não se movera da cama. O ponto curioso da sua análise era um ritual perverso que ele tinha desenvolvido nas relações sexuais com a namorada. Ele atingia o gozo apertando fortemente o pescoço e a garganta de sua parceira, a ponto de quase sufocá-la. Foi conjecturado até que ponto este rapaz se sentia identificado com o avô assassino pela culpa de deixar a própria mãe morrer sem nada ter feito.

O que estas duas situações têm em comum? Em ambas aparecem sintomas cuja origem parece ser transgeracional. Samara revive a angústia de sua mãe ao escutar o apito dos trens que a levavam ao extermínio, à morte, da qual felizmente escapou. Contudo, não escapou da angústia encravada nos porões da mente, a qual foi, provalmente, transmitida à sua filha. Johan, apesar de ele próprio ter vivido a situação traumática do suicídio de sua mãe, de alguma forma também carregava um trauma pertencente à ela: ser filha de um assassino. Aliás, sabe-se que vários filhos de oficiais nazistas sofreram traumas importantes ao descobrirem o que seus pais haviam feito. Uns se suicidaram, como a mãe de Johan, outros se esterilizaram para não gerar filhos com essa descendência, como os filhos de Goering, e há inclusive o relato de um que se converteu ao judaísmo e emigrou para Israel.

Ainda precisaremos compreender melhor como ocorre essa transmissão transgeracional da angústia traumática. É claro que as narrativas simbólicas, os mitos familiares, nos quais o sujeito é inserido no seu processo de subjetivação, têm um papel central. No entanto, é possível que tais narrativas sejam carregadas com resíduos de angústias não simbolizadas, protomentais, e assim transmitidas à nova geração. Algo similar às mensagens enigmáticas postuladas por Laplanche e que ficam incrustadas no inconsciente não representado à espera de uma melhor simbolização.

A partir disso, podemos imaginar que o dano causado pelas guerras ou pelos atentados terroristas vai muito além das mortes, dos feridos, dos estupros, dos reféns e dos desaparecidos, o que em si já é odioso e inaceitável. O dano à mente se transmite e multiplica ao ser repassado às gerações posteriores. No judaísmo há uma expressão, "*Le dor va dor*", que quer dizer "*de geração à geração*". Ela se refere à transmissão do judaísmo de geração à geração. No entanto, hoje podemos lhe atribuir um novo significado: os traumas igualmente se transmitem de geração à geração. No atentado terrorista do Hamas no dia 7 de outubro de 2023, o pior cometido contra os

judeus desde o Holocausto, toda a memória do genocídio e das perseguições antissemitas voltaram a assombrar as comunidades judaicas. Talvez por isso, além de outros tantos fatores determinantes, a reação de Israel foi e tem sido tão brutal.

Contudo, se isso ocorre do lado dos israelenses e judeus, também é verdade que a destruição e perdas de vidas de mulheres, crianças, idosos e homens em Gaza deixarão um rastro, não apenas de ódio, mas de traumas profundos na comunidade palestina. Por quantas gerações as crianças, os adolescentes e os adultos de Gaza também terão crises de pânico e outros sintomas próprios do estresse pós-traumático?

O Congresso da IPA em Berlim, em 2007, o primeiro realizado em Berlim depois da Segunda Guerra Mundial e após o histórico congresso da IPA de 1922 que contou com a presença do próprio Freud, foi uma verdadeira catarse coletiva elaborativa do holocausto. Após a abertura do Congresso, realizada pelo nosso querido Cláudio Laks Eizirik, então Presidente da IPA, parcialmente realizada em iídiche, aconteceram grupos livres de diálogo chamados "*Beeing in Berlin*". Ali, descendentes de sobreviventes de campos de concentração nazistas, colegas alemães e outros colegas de todo o mundo, liderados por um casal de psicanalistas israelenses, Mira e Shmuel Erlich, tentavam juntos elaborar as marcas profundas do Holocausto, mesmo que 60 anos depois. Contextualizando um pouco, este ambiente do congresso ocorria na Berlim contemporânea, um local que transpira esforços de elaboração do Holocausto.

Tudo isso nos convoca, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas, a nos posicionarmos em favor da paz e da convivência criativa e respeitosa entre os seres humanos, entre os povos e entre as nações. Hanna Segal (2019), baseada nos seus dois artigos de 1992 e de 1995, e dando seguimento ao trabalho no movimento que fundou em 1983, chamado Psicanalistas para a Prevenção da Guerra Nuclear, faz a sua histórica afirmação "*quem cala consente*". Ou seja, não podemos calar. Devemos nos manifestar não só em prol da paz, mas também por uma relação sustentável com a natureza, pois a irracionalidade humana, a sua destrutividade, se manifesta também nos ataques e no desrespeito à natureza.

Não seria possível escrever este texto sem falar da catástrofe ambiental que estamos vivendo aqui no sul do Brasil, cujas consequências são também trágicas e profundamente traumáticas para muitos que foram atingidos. Mesmo que apenas uma parte da população venha a desenvolver quadros de estresse pós-traumático propriamente dito, *sensu lato* todos sairão traumatizados em maior ou menor escala. Evidentemente, os maiores atingidos, aqueles que perderam familiares, casas e pertences que continham a sua história, terão marcas mais profundas. Contudo, todos vivemos o assombro do imprevisível, a insegurança da incerteza e o temor da repetição.

Entretanto, ao mesmo tempo que assistimos inúmeras cenas de tragédia pela destruição de magnitude inimaginável, presenciamos também o que existe de melhor no ser humano: a capacidade de sentir compaixão pela dor de outro ser humano e a solidariedade em gestos e atitudes humanitárias também inimagináveis. Um estado caracterizado pela polarização, pela "grenalização" de tudo, de repente se uniu. Jovens de famílias abastadas passaram a atravessar o Guaíba de jetskis para salvar a vida de outros seres humanos habitualmente abandonados e excluídos. Vizinhos, amigos e familiares de toda ordem se mobilizando para ajudar. Milhares de voluntários, médicos, psiquiatras, psicólogos, advogados, dentistas, todos auxiliando em abrigos e no acolhimento dos desabrigados. É possível - e desejável - que essa experiência seja transformadora para muitos que dela participaram.

No dizer de Bion, esperemos - o que não será fácil - que a catástrofe nos conduza a uma mudança catastrófica. Ou seja, que essa brutal turbulência leve à mudança e ao crescimento psíquico de maior contato e empatia com a dor de outro ser humano; que nos conduza a uma nova forma de pensar e agir como cidadãos responsáveis uns pelos outros, respeitando as diferenças; e, finalmente, que nos propicie uma maior consciência da necessidade de um respeito pela natureza e uma relação mais harmoniosa com ela, ao menos em nome das próximas gerações, para que não tenhamos mais tantas Samaras e tantos Johans.

Segal, H. (2019) - História da psicanálise.
J. Psicanálise, vol. 52, no.96, São Paulo, Jan/jun 2019.

RUGGERO LEVY
Psiquiatra, psicanalista , Membro Efetivo e Analista Didata da SPPA. Professor do Cepoa e do Ceapia. Ex-presidente da SPPA. Ex-membro do Board da IPA

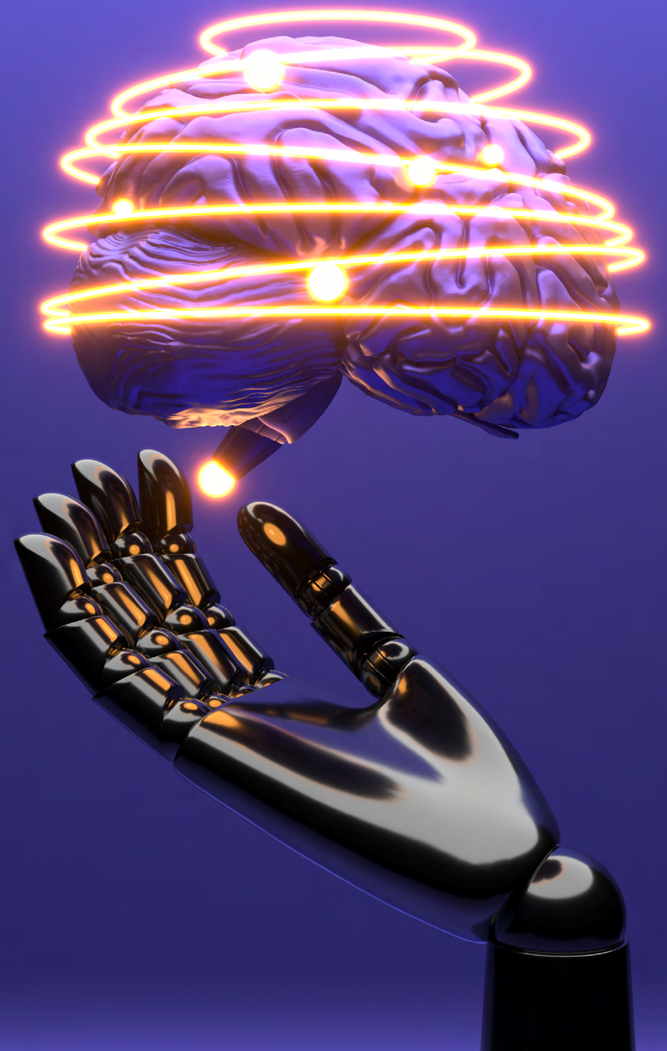
INQUIETAÇÕES NATURAIS E **INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS**

A comissão organizadora da Jornada do CELG foi perspicaz ao escolher o tema principal do evento: “Conexões e desconexões: impacto entre gerações”. Talvez eu escreva isso por ser psiquiatra da infância e adolescência, trabalhando diariamente com o tema, mas também reconheço a importância dessa discussão ampla, pois trata-se de um assunto que nos afeta a todos, como sociedade.

Estamos vivenciando o aumento da velocidade nas telecomunicações, transportes e produção industrial, mas, principalmente, os efeitos de tais mudanças nas relações humanas. Dentro desse contexto de mudanças em várias esferas de nossa vida, devemos discutir o uso das novas tecnologias que permeiam o dia-a-dia. Preocupações com o uso excessivo de smartphones, dependência de jogos eletrônicos e os impactos devastadores do cyberbullying já são comuns nos consultórios, refletindo os problemas emocionais decorrentes das experiências diárias no mundo atual. Outro ponto recente que merece atenção é o uso e as repercussões das diversas aplicações das inteligências artificiais. Talvez em escala ainda maior do que o surgimento da energia elétrica no final do século XIX, a crescente utilização de “máquinas pensantes” deverá modificar quase tudo o que conhecemos hoje como “nosso mundo”.

Para uma discussão maior a ser realizada na próxima Jornada CELG, podemos pensar em questões como: qual impacto a inteligência artificial terá no desenvolvimento cognitivo das crianças e adolescentes? Como o excesso de tempo dedicado aos jogos eletrônicos, em detrimento de outras atividades, afetará o desenvolvimento dos jovens na preparação para o mercado de trabalho? O uso massivo de mídias sociais realmente prejudicará ou apenas modificará o desenvolvimento da linguagem dos futuros adultos? Essas e outras perguntas merecem ser discutidas por todos que se preocupam com

TALVEZ EM ESCALA AINDA MAIOR DO QUE O SURGIMENTO DA ENERGIA ELÉTRICA NO FINAL DO SÉCULO XIX, A CRESCENTE UTILIZAÇÃO DE “MÁQUINAS PENSANTES” DEVERÁ MODIFICAR QUASE TUDO O QUE CONHECEMOS HOJE COMO “NOSSO MUNDO”.



a saúde mental, pois abrangem inúmeras áreas de nossas vidas.

Parte desse debate, especialmente a que diz respeito à rotina dos educadores, tem a ver com a transformação do desejo de aprender e como a escrita e a leitura vêm recebendo menos atenção. Seria pela dificuldade inerente do processo de decifrar símbolos e extrair significado deles que alguns jovens estão deixando tal aprendizado em segundo plano? Ou talvez não saibamos mostrar a eles o lado divertido da aquisição do conhecimento? Ou seriam "coisas de velho", uma vez que não reconhecemos mais o "nosso mundo" ao sair na rua?

Em termos de saúde mental, as bases necessárias para um desenvolvimento próximo da normalidade são pontos de ancoragem. A evolução humana é um "porto seguro" ou uma "plataforma de lançamento" para outros assuntos. É durante o desenvolvimento da criança até se tornar um adulto independente que a maioria das nossas preocupações, como psiquiatras e psicólogos, se manifestam no tocante à tecnologia ou à aceleração do mundo atual. Faz sentido uma maior preocupação com essa etapa da vida, discutindo o que poderia ser prejudicial para crianças e adolescentes em relação às novas tecnologias, pois é a partir do seu desenvolvimento (neurodesenvolvimento) que o futuro adulto terá condições de modificar o próprio ambiente e enfrentar as adversidades da vida.

Como "guardiões do bom desenvolvimento", estamos sempre alertas a quaisquer fatores do "mundo novo" capazes de prejudicar a aquisição das habilidades essenciais para a sobrevivência independente e autônoma. Nesse sentido, a saúde mental é primordial e estruturante. A discussão não se limita aqui, pois, considerando-se que o mundo mudará cada vez mais rapidamente, podemos inferir a necessidade de preparar as próximas gerações não apenas para terem saúde mental, mas também para serem mais criativas do que as anteriores.

Aqui, talvez, tenhamos outro ponto "imutável" ou de ancoragem: a maneira como os seres humanos construíram a civilização que conhecemos hoje. Em última análise, essa construção foi possível pela capacidade de se comunicar e, intrinsicamente, pelo desenvolvimento da inteligência. Desenvolver a inteligência das crianças e adolescentes, através do treino da escrita e do aprimoramento das capacidades linguísticas, é essencial. A escrita organiza nossos pensamentos, articula nosso raciocínio e evolui as maneiras de resolver problemas. Essa habilidade poderia estar ameaçada pelo uso excessivo de tecnologias pelos jovens? Crianças que utilizam inadequadamente as inteligências artificiais poderiam se tornar "menos inteligentes"? Estou novamente destacando a importância da leitura e escrita por já estar ficando velho, ou esse é um dos pontos básicos para o desenvolvimento de um adulto capaz, pensante e independente, preparado para enfrentar os problemas futuros?

Espero ver todos vocês na Jornada do CELG para debater esses tópicos inquietantes e suas repercussões em nossas vidas e de nossos pacientes, promovendo conexões ou intensificando desconexões enquanto gera psicopatologias. Ou, quem sabe, mudando o curso em direção a uma busca saudável pelo aprimoramento da saúde mental, aumentando a criatividade e a resiliência de nossos pacientes e de nós mesmos.

FELIPE PICON, MD, PHD
Psiquiatra da Infância e da Adolescência. Vice coordenador do departamento de psiquiatria da infância e da adolescência da APRS. Membro da American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (AACAP)

CONEXÕES E DESCONEXÕES: DO COTIDIANO ÀS CATÁSTROFES

É com grande satisfação que convidamos os colegas para a Jornada CELG 2024, que acontecerá de 5 a 7 de setembro no Centro de Convenções do Wish Serrano em Gramado. Estamos finalizando os preparativos e queremos trazer algumas novidades para vocês.

Como de hábito, a programação científica foi organizada pensando em trazer para o evento assuntos atuais, instigantes e que provoquem a reflexão. Inicialmente, o tema central da Jornada era o uso do ambiente virtual no nosso dia a dia, que é uma realidade inegável, apresentando inúmeras vantagens e possibilidades. No entanto, também é um uso carregado de aspectos potencialmente negativos, os quais temos visto com frequência nos pacientes e famílias que atendemos.

Contudo, nos últimos meses, o estado do Rio Grande do Sul tem sofrido muito com as inundações, e estamos todos trabalhando de alguma maneira para a recuperação estrutural e emocional dos nossos conterrâneos. Dentro de tal perspectiva, decidimos incluir na programação da Jornada t**ópicos** relacionados ao impacto na saúde mental causado por catástrofes ambientais. Sabemos que existirão muitos irmãos gaúchos necessitando de suporte emocional nos próximos tempos e, assim, pensamos que a Jornada pode ser uma boa oportunidade para debater e aprender com especialistas nesta importante área da psiquiatria e da psicologia. Em função disso, decidimos manter as atividades já preparadas na área das tecnologias, mas mudamos o tema da Jornada para *Conexões e desconexões: do cotidiano às catástrofes*. Um conteúdo de extrema relevância nos dias atuais.

NESTE ANO, TEMOS O PRAZER DE CONTAR COM ALGUNS CONVIDADOS INTERNACIONAIS DE GRANDE DESTAQUE, ENTRE ELES:

A professora **Caroline Fitzpatrick (Canadá)** da Universidade de Sherbrooke, que estuda principalmente o impacto do uso de telas por crianças ao longo do desenvolvimento.

O professor **Joshua Morgenstein (EUA)**, presidente do Comitê sobre as Dimensões Psiquiátricas dos Desastres da Associação Psiquiátrica Americana, vice presidente do Departamento de Psiquiatria da *Uniformed Services University of the Health Sciences* e pesquisador do Center for the Study of Traumatic Stress.

A psicanalista **Mariana Duarte (França)**, que, no Médicos Sem Fronteiras, atua na coordenação de projetos de saúde mental em emergências, desastres e conflitos, já tendo trabalhado em mais de 30 países com essa problemática.

O psicanalista **Júlio Moreno (Argentina)**, membro titular da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, pós doutor pela Universidade da Califórnia e vencedor do Prêmio Sigourney Award por sua contribuição na psicanálise, que estuda o traumático e suas repercussões no sujeito e nas famílias.

Todos são figuras reconhecidas por suas contribuições significativas para a comunidade científica, cujas participações certamente enriquecerão nossas discussões, proporcionando uma experiência única para os participantes.

A Jornada contará ainda com uma ampla variedade de atividades, incluindo palestras, mesas-redondas, cursos, workshops e supervisões clínicas. Estamos empenhados em oferecer uma plataforma abrangente para a troca de conhecimentos e experiências.

Sua participação é fundamental para o sucesso deste evento. Venha aprimorar a prática profissional e reencontrar os colegas, confraternizando nessa cidade encantadora.

Esperamos vocês em Gramado.

MARCELO SCHMITZ
Professor do Departamento de Psiquiatria - FAMED - UFRGS. Diretor científico do CELG

SUCCESSION
E O DRAMA DAS GERAÇÕES

Succession, vencedora do Emmy de melhor série dramática em 2020, 2022 e 2024, trata da história de Logan Roy, dono e presidente de um gigantesco conglomerado midiático, e de suas turbulentas relações familiares. Na iminência de completar oitenta anos e apresentando sinais de uma senilidade incipiente, a questão central impõe-se desde o primeiro capítulo: quem irá suceder Logan no comando da *Waystar Roco*? Quatro filhos alternam-se na preferência, enquanto outros dois aspirantes (sobrinho e genro) correm por fora, nem sempre munidos das melhores intenções. Na medida em que os conflitos vão sendo encenados, a série vai se aprofundando ao revelar os traços de caráter e os detalhes da história dos envolvidos no drama sucessório. Ao trazer à tona o que há de humano em cada um deles, fica impossível não nos identificarmos com suas vulnerabilidades, sentirmos repulsa por seus desvios e até torcermos por um ou por outro na disputa alimentada de forma sádica pelo progenitor.

Imagino que o sucesso de audiência decorra do roteiro muito bem fundamentado e da qualidade do elenco, mas também pode ser atribuído à atemporalidade do conflito provocado pela dança das gerações. O assunto das sucessões causa comoção uma vez que é evocado não só como tema consciente, mas também como drama inconsciente. Refiro-me aqui às fantasias e sentimentos ambivalentes acionadas por estes momentos tão delicados quanto inevitáveis. A verdade é que não há como se negar a passagem do tempo e a transitoriedade das gerações sem que se sofra, em algum momento, o golpe da realidade que alcança e atravessa a todos.

Se olharmos para a psicanálise, mais especificamente para Freud em *Totem e Tabu,* nos serão apresentadas as tintas deste enredo tão familiar quanto arcaico. Se focarmos os dias

atuais, encontraremos um segmento especializado em orientar e planejar as sucessões, já contando com as disputas e desavenças que a tensão tende a provocar. Assistindo ao drama de *Succession,* não será difícil perceber que o modo perverso com que Logan Roy trata a todos que dele dependem instigará uma multiplicidade de fantasias parricidas, temperadas ao sabor da culpa e da devoção, bem ao gosto do banquete totêmico e de suas consequências. Portanto, enxergar o drama através da lente dos sucessores não chega a ser um desafio, embora garanta um belo entretenimento.

Mais difícil, quem sabe, seja ver a miséria encoberta por trás do mito deste pai-todo-poderoso que, diga-se de passagem, não inspira muita empatia. Afinal, apesar da figura imponente de Logan, o que o drama desvela é a fragilidade de sua estrutura psíquica, capaz de impedi-lo de reconhecer em seus sucessores a continuidade do seu legado, o que poderia ser um desfecho honroso para a ferida narcísica imposta pela necessidade de renovação.

Encaminhar com generosidade a própria sucessão é tarefa para fortes, ao contrário do que se possa imaginar. É necessário ter uma boa dose de coragem para reconhecer as perdas impostas pela velhice e vislumbrar a própria finitude sem sucumbir à amargura ou à negação. Para que o drama sucessório tenha um bom desenlace, é preciso fazer o luto pela passagem do tempo e abrir as portas aos mais novos, sem deixar que a inveja pela juventude tome conta e que os atos de sabotagem dominem. Trata-se de um trabalho para quem se dispõe a ver e a tratar suas próprias feridas, algo que se torna particularmente difícil naqueles tomados pelo narcisismo.

Ao não conseguir trilhar o caminho da renúncia generosa, típica de quem é capaz de enxergar com esperança as qualidades dos que vêm adiante, Logan não prepara seus sucessores. Deixa como legado as brigas e a mesquinharia e, sem se dar conta, abre as portas aos oportunistas de plantão que, como abutres, rondam a cena, enquanto o inescapável está prestes a acontecer.

É NECESSÁRIO TER UMA BOA DOSE DE CORAGEM PARA RECONHECER AS PERDAS IMPOSTAS PELA VELHICE E VISLUMBRAR A PRÓPRIA FINITUDE SEM SUCUMBIR À AMARGURA OU À NEGAÇÃO.

CLARISSA KIRSTEN MOMBACH
Médica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Psiquiatra pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Especialista em psicoterapia de orientação analítica pelo Centro de Estudos Luís Guedes (CELG/HCPA)
Membro do Instituto da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)

ASSIM É, SE LHE PARECE:
A VERDADE ENQUANTO ESCOLHA

Anatomia de uma queda foi, dentre tantas produções valiosas e promotoras de reflexão com que o cinema nos brindou na última temporada, aquela que me propus a olhar.

Sandra é uma escritora alemã, esposa, mãe. É também uma mulher que resiste a sucumbir ao isolamento e à solidão, representados pela imensidão gélida dos Alpes franceses. Cuida do filho, mas sem negligenciar a si mesma e aos seus desejos. É uma figura vivaz, portadora da esperança de se manter conectada à vida, seja através de sua sexualidade ou de sua escrita. Samuel, esposo de Sandra, embora apareça pouco no filme, constitui uma figura onipresente, tanto através da música que (nos) impõe quanto ao tingir a neve de vermelho ou mesmo quando culpabiliza a esposa por sua infelicidade em uma discussão acalorada. É inegável: ele está lá. Há barulho, tensão, um lamento que ocupa as frestas, deixando-nos oprimidos e atordoados. Falta tempo, falta espaço, faltam alegrias, queixa-se Samuel. Parece um homem em sofrimento, em queda antes mesmo de efetivamente cair.

Senti-me compelida a pensar a partir das deficiências/insuficiências. Daniel, o filho, tem uma deficiência visual decorrente de um acidente, que, embora limite sua visão, não o impede de ver além e, de forma muito perspicaz, captar matizes das relações em que está imerso. Sandra e Samuel parecem portar uma deficiência auditiva não clínica, mas emocional. Sendo ela alemã e ele francês, elegem o inglês como idioma através do qual se comunicarão. Essa escolha parece sugerir um lugar de encontro do casal por meio do idioma comum, mas logo cede lugar a uma espécie de Babel, um andar a mais na confusa não-comunicação da dupla. Eles não se ouvem, desencontrando-se nessa surdez um para o outro.

EM ALGUM MOMENTO, NO TRIBUNAL, SANDRA FALA, EMOCIONADA: "TODO MUNDO ESTÁ PERDIDO, NÃO?". ESSE ME PARECE SER O VEREDITO FINAL: ESTAMOS TODOS PERDIDOS.

ANATOMIA DE UMA QUEDA

POR JUSTINE TRIET

Na esteira das insuficiências, gostaria de incluir-nos. Sim, nós, espectadores/juízes, que por vezes flertamos com a incapacidade de continuarmos permeáveis à história sem uma imediata e necessitada sentença infligida ao outro. Em uma conversa com uma colega, ela esbravejava: "Foi ela! Certo que sim!". Alguém se identifica?

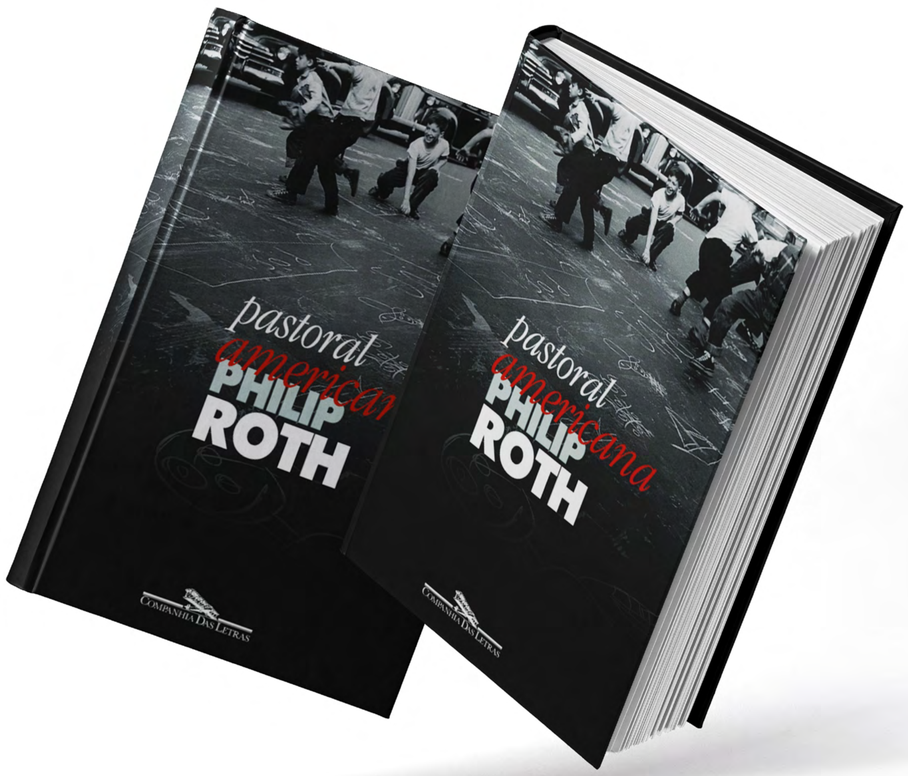
Em algum momento, no tribunal, Sandra fala, emocionada: "Todo mundo está perdido, não?". Esse me parece ser o veredito final: estamos todos perdidos. Independente de com quem nosso mundo interno dialoga e faz alianças (ou não), é difícil não empatizar com o desejo do menino, em meio a tanta dor, de entender o que houve, com o desejo de Sandra de sentir-se viva na sequência do acidente do filho e com o desejo de Samuel de existir em um mundo no qual sinta ter valor.

O filho busca entender, identificar esse alimento para a mente chamado verdade – como diria Bion –, mas isso não é possível, não há um consenso, não há aquilo/aquele, nem sequer indícios que definam de forma irrefutável o que se passou. O que resta então? Escolher. Escolher um*a* verdade, uma que possibilite o resgate nesse labirinto emocional em que sobram dúvidas, incertezas e angústias. Não me refiro à verdade factual, tampouco algum construto filosófico acerca do termo, mas à verdade que possibilitará a sobrevivência psíquica. No caso de Daniel, uma verdade que acomode a morte do pai de modo que a mãe continue (simbolicamente) viva. Essa parece ser a melhor negociação possível para que não existam mais perdas.

Por fim, perdidos em nós mesmos, andarilhos contumazes de labirintos internos que reivindicam lugar, entendemos que verdade é assunto valioso, pessoal e intransferível, fazendo com que, já diria Pirandello, assim seja, se lhe parece. Escolhamos, pois, uma verdade - ou quantas forem necessárias para que possamos dar conta desse tal viver.

ALINE WAGECK
Médica psiquiatra e psicoterapeuta. Doutora em Psiquiatria e Ciências do Comportamento. Membro do Instituto da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Professora do CEPOA/CELG.

DADOUN E ROTH:
APROXIMAÇÕES ACERCA DO HOMO VIOLENS



Um atentado ocorre em um minimercado de Old Rimrock, causando a morte de um homem. A mentora e executora é Merry, filha de Seymor Levov, o Sueco, um ídolo de três esportes nos EUA. O ato é feito como um protesto contra a Guerra do Vietnã.

Esse é o argumento de Pastoral Americana, de Philip Roth (Cia das Letras, 2013), obra que se oferece como possibilidade muito fértil para conjecturas. A questão que permeia a narrativa é: o que fez essa menina promover um ato terrorista em seu próprio país, que foi posteriormente replicado, matando outros três civis?

A princípio, uma possível leitura direciona a pensar em um beijo do pai na filha e a impossibilidade de veto ao ato incestuoso. A ruptura dessa barreira pode ser mesmo enlouquecedora, mas a ponto de matar gente inocente? O que há com essa menina? Que tipo de violência é essa?

Ao longo da leitura, desenvolvo outras ideias e escrevo um artigo que mais tarde seria publicado na revista Calibán com o título *O Transgeracional, o incestuoso e os tempos do Édipo em Pastoral Americana* (Brodacz, 2019, p 80).

Há um termo muito útil no desenvolvimento de uma das ideias relativas ao aspecto transgeracional: *telescopagem,* desenvolvido por Aidé Faimberg e que descreve os aspectos não elaborados em uma geração que irão se manifestar na(s) seguinte(s).

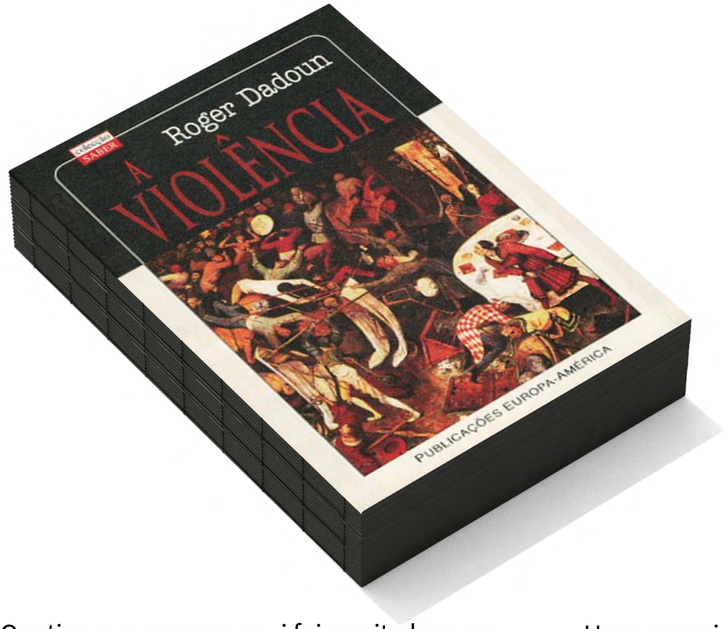
Havia muita pressão na família Levov para que o Sueco escolhesse uma esposa judia. A diretriz vinha de seu pai, mas o filho escolheu Dawn, uma ex-miss, para desgosto do patriarca.

Penso então que pode ter se desenvolvido uma patologia transgeracional, ao recair sobre a filha o conflito das gerações anteriores. Em fantasia, a relação que pendia para o incestuoso era a realização do casamento intra-judaico,

uma defesa simbiótica, pela via da submissão, aos anseios do avô-pai. A relação de natureza incestuosa parece abrir caminho à manifestação crua daquilo que nos diz Jeammet: "A destruição é a criatividade do pobre", considerando por pobre aquele que se sente em situação impossível e tomado de passividade.

A passividade a que se lança a menina-bomba aparece sobre a forma de sua conversão ao jainismo, religião que prega a doutrina da não violência em um nível de realização impossível (respirar é perigoso para os microorganismos que habitam o ar). Muito antes de ser usurpada pelo nazismo, a cruz suástica era usada como símbolo pelos jainistas, como imagem de perpétua regeneração.

Merry direciona-se para esse universo, em que a violência é proscrita como ideal, mas sem deixar de trazer consigo o código do violento expurgo, nesse caso não dos judeus nem judaísmo, mas daquele objetivante, telescopado. Há sempre uma conjunção de regeneração e destruição na pobre Merry, figura agora meio jaina, meio nazi; meio libertadora, meio assassina.



O artigo que resumo aqui foi escrito bem antes de ter em mãos um livro que daria um complemento importante ao tema: A Violência - ensaio acerca do *homo violens*, de Roger Dadoun (Difel, 1998). Ancorando-se, entre muitos outros vértices, em Freud e também em Klein, o filósofo trabalha a concepção da violência como definidora, estruturante e intrínseca ao ser humano. E questiona: "se não há um princípio organizador, regulador e moderador das volições e comportamentos coletivos e individuais - o que resta senão a violência no estado bruto, sem fé nem lei?"

Uma aproximação entre os dois autores: primeiro, o que encontramos no romance: "Quando o Sueco era criança, não havia nenhuma obra de arte pendurada nas paredes de sua casa". No capítulo final de *homo violens,* o autor francês trabalha a ideia do equilíbrio entre a violência e o seu controle (sempre) temporário, menciona o papel da arte e sugere que já na pré-história ela teria surgido como princípio moderador do impulso destrutivo no *homo.*

"SE NÃO HÁ UM PRINCÍPIO ORGANIZADOR, REGULADOR E MODERADOR DAS VOLIÇÕES E COMPORTAMENTOS COLETIVOS E INDIVIDUAIS - O QUE RESTA SENÃO A VIOLÊNCIA NO ESTADO BRUTO, SEM FÉ NEM LEI?"

FABIO *BRODACZ*
Psiquiatra (HCPA), psicanalista (SPPA), professor e coordenador adjunto do CEPOA-CELG

GRUPOS DE **ESTUDOS CONTINUADOS CEPOA/2024**

Sempre conversávamos, entre colegas, que sentíamos falta do oferecimento de grupos de estudos pelo CELG. Boa parte dos que concluíam a formação de psicoterapia de orientação analítica tinham desejo de seguir estudando, independentemente de ter ou não planos de fazer a formação psicanalítica no futuro. Os grupos acabavam acontecendo informalmente, organizados entre amigos e colegas, que convidavam algum professor para a coordenação. Esse projeto de grupos de estudos foi organizadocom sucesso pelos colegas que formaram o iCELG por volta de 2012, mas os grupos foram temporários e deixaram saudades nos participantes.

Os planos de retorno receberam um impulso por sugestão do colega André Gross, quemanifestou a intenção de muitos ex-alunos do CEPOA. Em reunião de professores doCEPOA, a ideia foi aprovada, formando-se, então, uma comissão de organização, constituída pelos professores Betina Kruter, Candice Campos, Carmem Keidann e Marcelo Vaz, que montaram um projeto piloto efetuado em 2023, com a criação de seis grupos:

POR QUE BION?
Coordenação: Jussara Dal Zot

MELANIE KLEIN E A REVIRAVOLTA DO MODELO INTERSUBJETIVO: CONSEQUÊNCIAS E DESDOBRAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS.
Coordenação: Paulo Seixas

THOMAS OGDEN – CONCEITOS FUNDAMENTAIS
Coordenação: Patrícia Lago

A TEORIA NA PRÁTICA: O LUGAR DOS CONCEITOS NO ENCONTRO PSICOTERÁPICO
Coordenação: Eneida Iankilevich e Mariana Torres

GRUPO DE DISCUSSÃO TEÓRICO-CLÍNICO
Coordenação: Carmem Keidann

ABORDAGEM PSICODINÂMICA COM PACIENTES DIFÍCEIS
Coordenação: Jair Knijnik e Sidnei Schestatsky

Tivemos sucesso com os seis grupos, ganhando ótimo retorno tanto dos alunos participantes quanto dos professores coordenadores. Recebemos várias sugestões de temas de grupos e pedidos de continuidade do projeto. É de nosso interesse no CEPOA e no CELG manter a comunidade unida, tornando a instituição sempre ativa e estimulante para todos. Ex-alunos, colegas psicólogos e psiquiatras que tenham feito formação em outras instituições ou que ainda não tenham formação na psicoterapia de orientação analítica são bem-vindos.

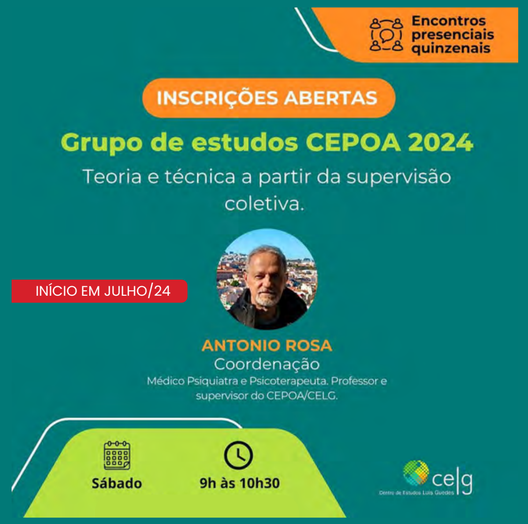
Para o ano de 2024, já temos três grupos de estudos programados:

CONTAMOS COM A PARTICIPAÇÃO E SUGESTÃO DOS COLEGAS NESSES E EM PRÓXIMOS GRUPOS.

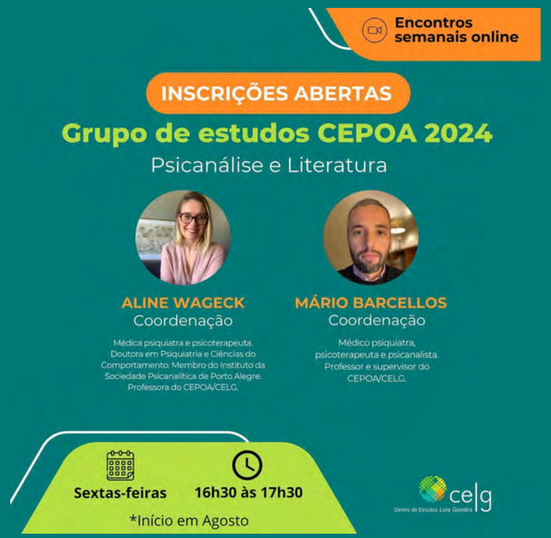
CANDICE PASQUALIN DE CAMPOS
Médica psiquiatra, psicoterapeuta e psicanalista. Professora e supervisora do CEPOA/CELG. Coordenadora dos grupos de estudos do CEPOA/CELG

Exercícios de escuta: Música e psicanálise em diálogo (início previsto para junho ou julho)
A interface entre música e psicanálise pode ser extremamente útil na formação de psicoterapeutas de orientação analítica, através da discussão de vivências emocionais geradas pela escuta de obras musicais selecionadas, tanto por áudio como por vídeo.
Coordenação: Ivan Fetter

Teoria e técnica a partir da supervisão coletiva (início previsto para junho ou julho)
Supervisão coletiva intercalada com o estudo de temas relacionados ao material clínico
Coordenação: Antonio Rosa



Psicanálise e literatura (início previsto para agosto) Ao longo dos encontros previstos para o Literatura e Psicanálise, propomos que sejam discutidos de forma livre e criativa, sem roteiro ou destino pré-estabelecidos, contos previamente selecionados.
Nesse percurso, o qual prevê um conto por encontro, margearemos Guimarães Rosa, contemplaremos o pôr-do-sol de Lygia Fagundes Telles e celebraremos junto à Clarice Lispector. Machado de Assis, Caio Fernando Abreu e Nélida Piñon também estarão conosco nesse projeto, entre outros grandes escritores brasileiros.
Coordenação: Aline Wageck e Mário Barcelos



PSICANÁLISE E FILOSOFIA: A FASCINANTE CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO

O diálogo entre Psicanálise e Filosofia constitui, atualmente, um vasto repertório que eu não teria condições de abordar. Tentarei reproduzir, ainda que de forma breve, um recorte das relações pouco amistosas de Freud com a Filosofia que, paradoxalmente, resultaram em uma significativa aproximação entre ambos os saberes.

Freud excluiu a Filosofia do rol das ciências. Considerava os raciocínios filosóficos como resquícios do "modo animista de pensamento", associado à "supervalorização da magia das palavras". Definia a Filosofia como uma *Weltanschauung,* "ilusória" no afã de construir "sistemas totalizantes" associando, ironicamente, aos versos do poeta Heine, "com seus barretes de dormir e com os trapos de seu roupão de noite ele remenda as falhas do edifício do universo". No texto "O Interesse Filosófico da Psicanálise", de 1913, recomendava que a Filosofia poderia (e deveria) submeter-se ela própria ao escrutínio psicanalítico.

Freud sugeriu encaminhar a Filosofia para o divã!

O filósofo Paul Ricoeur (1913-2005), destacado interlocutor de Freud e crítico-simpatizante da Psicanálise, é a referência para fazer o contraponto filosófico.

Sem se deter em comentários retóricos, Ricoeur mirou o núcleo central da Metapsicologia freudiana, ou seja, o *modelo estrutural-pulsional,* marca registrada de sua ciência (psico-*análise*). Recordamos que o método analítico é um constructo intelectual baseado na lógica linear de relações causais a partir de um princípio inteligível e, como sintetiza Green, "analisar é decompor uma totalidade em partes menores" (p.49) A analítica, por definição, é atomística e solipsista (solus ipse = somente o si mesmo). Cada substância é e existe em si e para si. Sua aplicação à Metapsicologia freudiana consiste na conceitualização do homem enquanto ser pulsional dotado de um aparelho psíquico cuja dinâmica seria operacionalizar as próprias exigências pulsionais.

Eis o alvo visado por Ricoeur: "o modelo analítico adotado por Freud não conseguiria explicar muitos dos conceitos dos quais Freud foi o próprio criador". Ricoeur assinala que, pelo entendimento analítico, esbarramos em uma contradição entre teoria e prática: se o modelo teórico pulsional é estruturalmente solipsista, a clínica psicanalítica é, de imediato, intersubjetiva, relacional e dual. O próprio objetivo terapêutico de "tornar consciente o inconsciente" já implicaria a adoção de uma outra lógica, alternativa, que incluísse o processo de duplicação da consciência oposta à analítica, sempre tendente à restauração determinística do regressivo.

Ricoeur não tem restrições lógicas em situar a libido como o elemento fundante da dinâmica psíquica. O ponto crítico seria a conceitualização solipsista da pulsão, resultado do modelo analítico. Questiona Ricoeur; "afinal, como um homem sai da infância e se torna adulto? A causalidade linear não consegue dar conta dessa realidade".

É imperioso admitir que o processo do desenvolvimento humano só é compreensível no registro da duplicação "*dialética*" do desejo, imprimindo uma nova orientação na libido, assim como uma nova capacidade de amar e gozar.

As críticas de Freud, de forma paradoxal, levaram a um questionamento da metodologia que ele utilizara e sempre defendera. Como afirma Green, "penso que a psico-*análise* (por definição solipsista) é uma disciplina *dialética* onde tudo funciona aos pares: um movimento não é concebível sem seu contrário, a regressão não é compreensível sem a progressão e vice versa".

Tais considerações têm enorme repercussão na clínica, pois só através do raciocínio dialético podemos acompanhar e utilizar os atuais avanços teórico-práticos da Psicanálise.

PAULO SEIXAS
Psiquiatra, mestre em Filosofia, professor e supervisor do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica - CEPOA)

NOSSAS **PRENDAS**

Com uma folga na agenda de trabalho, neste maio de 2024, achei que precisava dar uma caminhada pelo bairro para ver com os próprios olhos. Meu destino inicial foi o Hospital Mãe de Deus, onde pude ver que a água, que tanto me angustiara no domingo anterior, já tinha baixado. Alívio. Havia, no entanto, um silêncio incomum nas ruas. O silêncio, às vezes, é de sossego, mas este era de profunda tristeza. Silêncio vazio, silêncio de perdas.

Segui pela Getúlio Vargas; o amigo da farmácia lá estava, aquele que faz jardinagem no canteiro central. O silêncio persistia. Vi um casal na frente da nova mercearia, que eu nem conhecia. Pensei: coitados, recém abriram o negócio e já sofreram inundação. É um casal, espero que tenham um ao outro. Adiante, um rapaz calçava botas de borracha, tiradas do porta malas do carro. Ia ver o estado da própria casa? Da casa da mãe?

Dobrei na Ipiranga e foi quando vi. Eram quatro mulheres que caminhavam juntas, decididas. Arrumadinhas, com capricho, como andam nossas mulheres. Calças de moleton, tênis, casacos com capuz, pois iria chover e esfriar. Cada qual com sua bolsa, imitando madames, e imaginei que carregassem nelas uma quentinha. Alguém deve ter dito: a loja vai abrir, vocês devem vir trabalhar. E lá iam as mulheres. Olhavam fixo o horizonte, como ensina a professora de Pilates, só que elas não aprenderam a caminhar assim em nenhuma aula. Algo apreensivas, as quatro seguiam, com passos determinados. Lembrei das “Mulheres de Atenas”, aquelas que “não tem gosto ou vontade”.

Pensei: a mulher gaúcha tem gosto, tem vontade, tem defeitos, tem qualidades. A mulher gaúcha tem medo, mas não apenas. Não sei quantos filhos deixaram em casa, não sei se possuem casa, não sei se beijaram seus maridos, não sei se possuem alguém que as ajude. Sei que caminhavam firme, como se os desastres fossem seu dia a dia, como se não pudessem olhar para trás, só para a frente. Desde que chegamos ao mundo, as mulheres dividem seu olhar entre nós, em seus braços, e o horizonte que nos aguarda. Se necessário, elas fazem isto caminhando adiante.

É por esta vivência inicial de acolhimento que conseguimos acreditar: vamos atravessar a tragédia, vamos seguir caminhando e vamos sair mais fortes do outro lado. Aos poucos, o silêncio foi se deixando habitar. Acho que pelo amor.

IGOR ALCANTARA
Psicanalista.
Professor do CEPOA